

Nem a Favor, nem Contra, Bem ao Contrário: Metapolítica dos Coletes Amarelos e a Situação Recolonial

[Neither For nor Against, Quite the Opposite: Metapolitics of the Yellow Vests and the Recolonial Situation]

Philippe Claude Thierry Lacour*

Resumo: O que significa o movimento social dos « coletes amarelos » (*gilets jaunes*) que desafia o poder na França há mais de um ano? Essa « revolta das rotatórias » já é o principal movimento popular na França desde 1968, e até talvez de 1936, mas ela se deixa dificilmente definir. Efetivamente, tem manifestantes de esquerda e de direita, de todos os gêneros e lugares do país, todas as idades e categorias sócio-profissionais. Diante desse desafio, defendo que tal revolta não se iguala ao movimento social brasileiro de 2013, que evoluiu gradualmente para a extrema direita. De fato, mesmo que tivesse começado com reivindicações em torno do custo de vida (gasolina, poder de compra, taxas), o movimento social dos « coletes amarelos » evoluiu fortemente em favor de uma conscientização multiforme, até se definir hoje como um movimento constituinte, que ambiciona uma reformulação do pacto social de base da nação francesa. É então sem exagero nem lirismo que se pode falar de um movimento revolucionário. Ora, resta saber o que estamos a ponto de rejeitar para inventar um mundo novo. Defenderei a hipótese de que o povo Francês tenta se libertar de uma situação quase colonial imposta pela União Européia.

Palavras-chave: Coletes Amarelos. Recolonial. Metapolítica. União Européia. Soberania. Democracia.

Abstract: What does the movement of the Yellow Vests (« *Gilets jaunes* »), which has been defying the power in France for more than a year, mean? This « revolt of the roundabouts » can already be considered the most important social movement in France since 1968, and even maybe 1936, but it can hardly be defined. Indeed, its participants are protesters from the right and the left, from all genders and places in the country, all ages and socio-professional categories. In this article, I argue that such revolt cannot be considered equivalent to the one that happened in Brazil in 2013 and that gradually evolved towards extreme right. In fact, even if the Yellow vests movement did begin with claims concerning the cost of living (gas, taxes, etc.), it rapidly evolved towards a more diverse type of awareness, to the point of defining itself as a constitutional movement, whose ambition is to reformulate the social contract at the root of the French nation. It is therefore not exaggerate to speak of a revolutionary event, even if it remains unclear what is being rejected in order to create a new world. I will try to show that the French people is trying to get rid of a quasi-colonial situation imposed by the European Union on their country.

Keywords: Yellow Vests. Recolonial. Metapolitics. European Union. Sovereignty. Democracy.

*Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Filosofia pela Universidade de Provence Aix Marseille I (2006). E-mail: unb@philippelacour.net. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3226-584X>.

O título do presente artigo, “nem a favor, nem contra, bem ao contrário” é um pouco enigmático, e até um pouco provocante. Por isso, gostaria de começar com algumas precisões em torno do meu objetivo. Se trata, em primeiro lugar, de dizer, de maneira irônica, que a questão de saber se os coletes amarelos são mais de direita ou de esquerda é bastante fútil, pois o problema que eles enfrentam é muito mais profundo. Em segundo lugar, trata-se de sublinhar o laço entre a crise política atual na França e a questão da democracia – ou, melhor dizendo, a natureza antidemocrática da União europeia, apesar de sua boa reputação, pelo menos no Brasil.

Antes de tudo, gostaria de antecipar algumas objeções. No resumo, eu tentei diferenciar o movimento dos coletes amarelos do que aconteceu no Brasil em 2013, ao contrário de muitos brasileiros que sublinharam o paralelo. Mas não caracterizei o movimento social brasileiro de 2013 como sendo “de extrema-direita”. De fato, acredito que os protestos de 2013 foram populares e não exclusivamente de direita, ou pior¹. Estou simplesmente notando que foram instrumentalizados para tirar do poder um governo legítimo de esquerda e criminalizar um partido inteiro para evitar que ele voltasse ao poder durante a eleição presidencial.

Além disso, alguém me poderia objetar estar exagerando a situação atual na União europeia que, por péssima que esteja, não teria nada ver com uma situação colonial, nem mesmo quase-colonial. Peço desculpas se isso parece chocar alguém, pois o meu objetivo obviamente não é o de negar a riqueza da França, em comparação com o Brasil, nem de minimizá-la. Trata-se apenas de fazer uma comparação: na verdade, por curto que tenha sido, o povo francês já experimentou momentos de dominação extrema com a ocupação nazista, ou o Terror na Revolução Francesa; e vou mostrar como a situação atual, por paradoxal que possa aparecer em primeira aproximação, tem a ver, de uma certa maneira, com uma forma de poder desse tipo.

Para responder melhor a essas objeções, gostaria de precisar a minha intenção com o título irônico: “nem de direita, nem de esquerda, bem ao contrário”. Isso não significa que os coletes amarelos são a favor *e* contra (o governo) *ao mesmo tempo*. Também, não é porque esse movimento junta pessoas da direita e da esquerda que ele deve ser desqualificado por ser ineficiente a longo prazo – em outras palavras, a minha caracterização não é pejorativa. Em particular, não significa que se pode considerar esse movimento *popular* como a expressão de um *populismo*

¹Cf. a análise de Tatiana Roque, « Brésil : une crise en trois actes », La Vie des idées, 28 mai 2019. ISSN : 2105-3030. URL : <<http://www.laviedesidees.fr/Bresil-une-crise-en-trois-actes.html>> (« 2013 - Plus de démocratie ! »).

de direita ou de esquerda. Além disso, não quer dizer que a distinção direita-esquerda seria obsoleta, como defendeu o politólogo Alain de Benoist² – pelo menos não de maneira estrutural e definitiva.

Significa que, *de maneira provisória*, um movimento político só pode conseguir mudar a situação na França (como também na Europa) se situar-se fora do quadro tradicional da alternativa da oposição direita-esquerda. Não se trata de privilegiar uma “terceira via” entre a direita ou a esquerda, isto é, em cima da divisão direita-esquerda: no centro, como tentaram, de várias maneiras, mas sempre de forma mais ou menos nacionalista, De Gaulle, Vargas ou Perón. Não se trata de superar a divisão direita-esquerda pela *combinação* das duas. Não se trata tampouco de fazer uma *fusão* dos dois lados, na forma de um extremo-centro³, como fez Macron, cujo partido (La République en Marche) é uma força centrípeta que engoliu a direita e quebrou a esquerda, deixando uma nova divisão: um hipercentro, aliado com ecologistas, e um oponente de extrema direita (o Rassemblement National). Na verdade, trata-se de designar, por meio da expressão “ao contrário” do título, um nível mais fundamental, anterior à divisão direita-esquerda, *um nível meta-político*, aquele que dá sentido à política mesma, que

define as suas condições de possibilidade (o transcendental de uma experiência efetiva e não apenas possível), o que permite a emergência de um evento político concreto. O título significa, então, que os coletes amarelos superam a divisão direita-esquerda pela *radicalização* da política, no sentido etimológico que levam a reflexão para as raízes da experiência política. Por isso, pode-se considerar que vários comentaristas erram ao falar da aparição na Europa (até agora, com um crescimento “sob controle”) de uma nova ideologia – o soberanismo. Pois a soberania não é uma ideologia, mas a condição do fato político e, ao falar de soberania popular, a condição da democracia. O movimento dos coletes amarelos é então o indício de um desejo *democrático*. Daí, se o quadro político tem que ser renovado, será com que base? segundo qual paradigma? A essas perguntas, é o próprio movimento dos coletes amarelos que poderá nos dar as respostas.

Num primeiro tempo, trata-se de caracterizar a situação do movimento social dos coletes amarelos, antes de apresentar uma interpretação dele e, por conseguinte, justificar o título.

²Alain de Benoist, *Droite-gauche, c'est fini ! Le moment populiste*, Paris, PGDR Editions, 2017.

³Alain Deneault, *Politiques de l'extrême-centre*, Montréal, Lux, 2016.

1. O que são os coletes amarelos?

A primeira coisa a ser respondida a esta pergunta é uma confissão de humildade: ninguém sabe o que eles são, nem eles mesmo – isto dito sem exagero. O que é muito impressionante nesse movimento é que ninguém sabe explicar claramente o que é, pois desafia todas as categorias tradicionais de análise social que temos a nossa disposição.⁴

É necessário lembrar como o movimento começou, no dia 17 de novembro de 2018⁵. Diante de um aumento do preço da gasolina, várias pessoas chamaram os seus amigos, pelas redes sociais, a vestir um colete amarelo e a protestar, nas rotatórias das estradas francesas, contra o aumento intolerável do custo de vida, com o preço alto das necessidades primárias e a pressão fiscal que impede o acesso às mesmas. Imediatamente, a chamada fez um grande sucesso, viralizou nas plataformas, atingindo muitos amigos de amigos, colegas de colegas, etc. São sobretudo os moradores das zonas rurais e periurbanas (que precisavam de um carro para trabalhar, e, por consequência, de gasolina) que se mobilizam, organizando as primeiras manifestações no sábado, também no centro nobre de Paris (Champs Elysées) – foi a repressão

nas rotatórias que incentivou os coletes amarelos a fazer manifestações de rua⁶.

As reivindicações cresceram e mudaram rapidamente, à medida que o movimento foi se fortalecendo. A expansão do movimento deixou o governo muito perplexo pela sua ausência de centro, a multiplicidade flutuante de seus líderes, a sua disseminação nacional sobre a totalidade do território, e seu caráter periférico (não foi um movimento nem dos centros das cidades, nem das periferias – as famosas “banlieues”). Parecia então impossível acalmá-lo, enquadrá-lo, e, tampouco afogá-lo ou asfixiá-lo. Por isso, continuou crescendo.

O movimento surpreendeu os jornalistas franceses (e estrangeiros) por ser totalmente original. De fato, nenhuma das análises tradicionais da política podia funcionar para capturar a singularidade desse evento. Para começar, não foi iniciado pelos sindicatos que são, tradicionalmente, na França, os responsáveis por esse tipo de ação de rua, sobretudo quando se trata do custo da vida e do poder de compra (aquisição), entre outras reivindicações⁷. É verdade que teve muitos coletes amarelos que eram também sindicalizados, ou próximos de um sindicato, e até que teve responsáveis sindicais explicitamente

⁴Cf. por exemplo a confissão de David Weuth, in *Le vent se lève*, 1/5/2019, « Le manque d’humilité des intellectuels face au mouvement des gilets jaunes », <<https://bit.ly/2ZPmuID>>: « les gilets jaunes nous mènent au bout de notre science ».

⁵Outras manifestações anteriores prepararam o movimento dos coletes amarelos, como por exemplo “Nuit Debout” em 2016: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nuit_debout>. Esse movimento, porém, nunca foi massivo e acabou no mês de Maio 2016.

⁶<<https://www.youtube.com/watch?v=S66efNDIDj4&feature=youtu.be&t=4173>>

⁷Como repara esse sindicalista : <<https://ruptures-presse.fr/opinions/gilets-jaunes-martin-cgt-paris/>>

presentes nas manifestações, com bandeiras sindicais. Mas isso foi mais a exceção do que a norma. As grandes centrais sindicais, do público como do privado, ficaram sem voz diante desse movimento que não respeitou as organizações tradicionais de defesa dos direitos trabalhistas.

Além disso, os partidos clássicos se sentiram também transbordados por uma agitação social que não se deixava encaixar nas categorias estabelecidas da análise política. Por exemplo, teve, dentro dos coletes amarelos, algumas pessoas de extrema-esquerda, animadas pelo projeto de superação do capitalismo. Mas a maior parte dos manifestantes não se deixavam definir pelos conceitos clássicos da luta das classes, apesar de muitos deles serem modestos. Eles são conscientes de estarem empobrecendo, por três razões: (i) os salários estão estagnando (particularmente no serviço público, mas também no setor privado, por causa da anemia da economia); (ii) as taxas estão subindo, desde a crise de 2008 (foi a classe média e a classe média-baixa que pagou a conta dos excessos dos bancos nos anos anteriores); (iii) os serviços públicos estão se deteriorando por falta de investimentos adequados⁸, por causa de uma política de austeridade estabelecida como res-

posta à crise⁹. Quando os salários permanecem os mesmos (ou ainda, quando se está desempregado), e os impostos aumentam sem que haja mais acesso aos serviços de comunicação, saúde, ou educação, nada mais normal que se perguntar o que está acontecendo e se rebelar.

Tampouco se podia dizer que os coletes amarelos definiam-se enquanto um movimento de extrema direita, porque a maioria dos manifestantes era totalmente, senão despolitizada, digamos composta de cidadãos bem na norma, votando de vez em quando, mas sem jamais ser ativo em qualquer tipo de militância. Teve, é certo, pessoas de direita, conservadoras, às vezes opostas à imigração importante que ocorreu esses últimos anos para a França (e para toda a Europa), e que talvez formularam argumentos nacionalistas. Teve, também, algumas pessoas de extrema-direita que, por ignorância ou racismo, fizeram algumas declarações xenofóbicas. Mas isso foi totalmente marginal e não permite de jeito nenhum falar da globalidade do movimento como sendo de extrema-direita. Pela mesma razão, os discursos antissemíticos e homofóbicos, efetivos, nunca superaram a marginalidade de casos isolados.

O movimento começou a provo-

⁸Cf. Natacha Polony, Laurence Dequay et Soazig Quemener, « Macron, Juppé, Jospin... comment ils ont cassé le service public », Marianne, 20/6/2019, <<https://bit.ly/2KHbnfU>>.

⁹Na verdade, essa demolição dos serviços públicos começou bem antes de 2008, pois é contemporânea da construção europeia desde o fim dos anos 80. Cf. Franck Dedieu, « Service Public : chronologie d'une démolition », Marianne, 21/6/2019, <<https://bit.ly/2xfWQ2f>>.

car reações públicas. Foram em primeiro lugar jornalistas e animadores da grande mídia que simpatizaram com o movimento, às vezes por razões pouco altruístas (a pressão fiscal excessiva desde a crise de 2008 afetou o conjunto da sociedade, todavia para as classes mais favorecidas, das quais fazem parte esses primeiros simpatizantes, a depressão econômica atingiu os lucros e não a sobrevivência quotidiana, caso daqueles economicamente desfavorecidos). Convidaram alguns coletes amarelos, os mais conhecidos e identificados como “líderes”, para falar na rádio ou na televisão (e.g. o animador do show “Touche Pas à Mon Poste”, Cyril Hanouna). Às vezes, ministros do governo foram também convidados, para provocar brigas (mais do que verdadeiros debates, pois são shows superficiais). A maior parte do tempo, foi puro oportunismo midiático, com um pouco de demagogia em torno do seu público, mas jamais francamente um apoio¹⁰. De fato, as reivindicações dos coletes amarelos já tinham mudado de formulação, passando das reclamações sobre as taxas ou o custo da vida para outra coisa: pedido a favor do Referendum de Iniciativa Cidadã (o RIC), a favor do restabelecimento do ISF, imposto sobre a fortuna (que traz pouco dinheiro para o estado – apenas 3 bilhões - mas tem

obviamente uma função simbólica, particularmente porque correspondia ao preço do aumento da taxa sobre a gasolina, que provocou toda a agitação).

Mas isso tudo foi bem pontual. A atitude do governo consistiu em um controle severo da mídia, especialmente do serviço público, sempre mostrando os aspectos negativos das manifestações (aspecto que será tratado a seguir), sem jamais dar a fala para os protagonistas, sempre infantilizados por uma atitude paternalista (essas crianças não sabem o que elas estão fazendo, vamos explicar melhor para elas, com mais “pedagogia”). Multiplicou-se também as recomendações às mídias “amigas” – aquelas mesmas que ajudaram poderosamente a eleição de Macron, que se beneficiou de um tempo de fala totalmente injustificável durante a última eleição europeia. Por exemplo, TF1 (a “globo” francesa) e BFM TV (de informação contínua) marginalizaram o fenômeno no início, minimizando o número de manifestantes, mostrando cenas de violência de rua, de destruição de material, sem prestar atenção às reclamações dos manifestantes, transformando-os em imbecis, “grevistas” patológicos.

Entretanto, a cada manifestação, a violência policial subiu¹¹. Aqui tenho que precisar que, ao contrário do que

¹⁰Raras são as mídias que dão a fala para os coletes amarelos. Entre outros, cf. « Des gilets jaunes prennent la parole » do canal de televisão (youtube) do partido político União Popular Republicana.

¹¹O governo utilizou o pretexto da violência dos manifestantes para justificar a repressão policial. Cf. « "Les gilets jaunes ne sont pas de simples citoyens qui manifestent", déclare Macron au New Yorker », France Info, 26/6/2019, <<https://bit.ly/2IHZofY>>.

acontece no Brasil, não existe algo na França como a polícia militar (existe a “gendarmerie”, que é um corpo do exército que faz atividade de polícia, mas não se iguala à instituição brasileira). Porém, assistimos esses últimos anos a uma lenta, mas real “militarização da polícia”, com técnicas, armas e atitudes que estão na beira do combate marcial de rua. Teve então, durante as manifestações, vários coletes amarelos que foram feridos: alguns perderam um olho por causa de tiros de LBD (balas de borracha); outros foram agredidos pelos bastões ou os socos e chutes dos policiais; outros também sofreram de asfixia por causa dos gases de pimenta; outros, enfim, perderam um membro ao tentar relançar para a polícia as bombas que ela tinha lançado (“grenades de désencerclement” : algo claramente na zona cinza entre intervenção policial e militar). Sem falar dos numerosos casos de abuso de poder: encarceramento massivo¹², detenções preventivas, proibição de manifestar, intimidações diversas, detenções arbitrárias¹³, prisão

injustificada¹⁴. Teve até agora duas pessoas que morreram¹⁵ e dezenas de feridos¹⁶. Pelo momento, nenhuma das investigações que a polícia lançou de maneira interna teve conclusão definitiva¹⁷.

Além dessa repressão feroz, que provocou preocupação internacional¹⁸, a reação do Estado consistiu em ganhar tempo. No início, totalmente surpreso, Macron considerou que seria uma revolta pontual. À medida que o movimento se prolongava, de novembro para dezembro de 2018, ficou muito perplexo e era possível sentir que o presidente vacilava, sem ser capaz de dar uma resposta clara. Apesar de uma estratégia ruim, Macron é, porém, um bom tático: ele utilizou a emoção de um atentado em Strasbourg, no meio de dezembro de 2018, para chamar a atenção sobre o risco islâmico e ganhar tempo até o Natal e o Ano Novo. Em seguida, fez anúncio de que ele iria falar sobre o assunto em janeiro do ano seguinte, alimentando, assim, a esperança de que o Estado faria concessões

¹²Por exemplo, durante o 14 de Julho 2019, « Plus de 170 personnes interpellées en marge du défilé du 14-Juillet à Paris », Le Monde, 14/7/2019, <<https://bit.ly/2Pqangu>>

¹³Foi por exemplo o caso do ex-atleta de boxa que socou policiais (para proteger manifestantes), Christophe Dettinger. Cf. Antoine Peillon, Cœur de boxeur. Le vrai combat de Christophe Dettinger, éditions Les Liens qui libèrent, 2019 ; e o artigo de Hervé Kempf, « L'honneur du boxeur contre Macron le voyou », Reporterre, 1/5/2019, <https://reporterre.net/L-honneur-du-boxeur-contre-Macron-le-voyou?fbclid=IwAR1MiNb28QF-IU_3i3NI8gRm7YwEoPBfXnMBGFMuvTgE4j5v8q7P_1uvjAA>

¹⁴Cf. Giv Anquetil, Antoine Chao, Charlotte Perry, « Les gilets jaunes face à une justice d'exception », France Inter, 15 Junho 2019, <<https://bit.ly/2wTRbyE>>.

¹⁵Uma é a velinha Zineb Ridouane ; cf : « Vie et mort de « Mama Zina », l'octogénaire atteinte par une grenade lacrymogène à Marseille », Le Monde, 24 Junho 2019, <<https://bit.ly/2Ftl7pY>>

¹⁶Para uma síntese das violências policiais : cf. o site do jornalista David Dufresne, <<http://www.davduf.net/alloplacebeauvau>>

¹⁷Ao contrario, os policiais foram elogiados. Cf. France Info, 19/7/2019, « Christophe Castaner a décoré des policiers soupçonnés de violences contre des "gilets jaunes" », <<https://bit.ly/2RpOINp>>

¹⁸ONU Info, « Michelle Bachelet inquiète de la répression des manifestations au Venezuela, au Soudan et en France », 6/3/2019, <<https://news.un.org/fr/story/2019/03/1037951>>

para atender as reivindicações dos manifestantes. Na verdade, esse tempo foi utilizado para imaginar uma diversão, que ele divulgou no final de janeiro de 2019. Se tratava de organizar um “Grande debate” para a França conversar sobre as propostas dos coletes amarelos. Pelo menos supostamente. Pois o que aconteceu na verdade foi que foram debatidas as próprias ideias do governo, que cuidadosamente tirou as proposições mais radicais do movimento, conservando apenas alguns temas como a redução fiscal, a melhora dos serviços públicos, etc. Esse “grande debate” permitiu a Macron fazer uma (semi) campanha eleitoral (dado o tempo dedicado às suas falas), de submergir a mídia com a agitação dele, mas não convenceu os coletes amarelos. Eles criaram, em reação à iniciativa do poder, o “verdadeiro debate” para conversar precisamente sobre os tópicos fundamentais que são a base de suas reivindicações¹⁹. Quando chegou a campanha eleitoral das eleições europeias, Macron continuou a fazer a tal diversão, acreditando que o movimento dos coletes amarelos poderia se dissolver neste cenário. Mas não foi de modo algum a intenção dos participantes do

movimento (apesar da existência de algumas listas de coletes amarelos), que procuraram diversificar os seus modos de expressão²⁰, considerando bloquear lugares de produção, por exemplo²¹.

Quanto à difusão do movimento, deve ser notado também que ele não se difundiu no resto da Europa e do mundo – apenas vagamente no início, mas nunca foi tão forte nem sustentável como na França. O que indica provavelmente uma causalidade singular e não repetitiva, uma idiosincrasia francesa. Pode ser ligado à nossa tradição de contestação, ou até de revolução. Há os que acreditam que esta tradição é folclórica (os franceses saíram novamente à rua!), contudo é possível observar que essa especificidade francesa dos coletes amarelos é ligada a razões mais profundas.

E agora? Onde estamos? O que está acontecendo desse movimento hoje? Bem, ele continua, simplesmente. É verdade que os coletes amarelos manifestam menos desde setembro 2019, mas é por boa parte devido à repressão policial brutal e do assédio jurídico²². Também é possível adicionar que alguns tentam passar para outras formas de ação e, por isso, se afastam um

¹⁹Fabien Buzzanca, « Cet été, avec les Gilets jaunes, le «Vrai débat» à l’assaut de vos boîtes aux lettres », Sputniknews, 17/7/2019, <<https://bit.ly/34XU13F>>

²⁰France Info, 26/06/2019, « Plusieurs figures des "gilets jaunes" annoncent la création d’un "socle commun" pour le mouvement », <<https://bit.ly/2s56ftX>>

²¹Sputniknews, 20/6/2019, « Eric Drouet lance un appel général aux gilets jaunes », <<https://fr.sputniknews.com/france/201906201041480138-eric-drouet-lance-un-appel-general-aux-gilets-jaunes-video/>>

²²Sputniknews, 11/08/2019, « Gilets Jaunes, une répression pénale sans précédent, avec plus de 3000 condamnations », <<https://fr.sputniknews.com/france/201911081042394370-gilets-jaunes-une-reponse-penale-sans-precedent-avec-plus-de-3000-condamnations/>>

pouco das manifestações de rua. Porém, ainda que o governo não tenha prestado atenção às reivindicações, o povo continuou a manifestar, mostrando assim a sua determinação. Entretanto, a conscientização política continua: pois o movimento se caracteriza primeiramente como uma grande discussão, aspecto pelo qual se aproxima de maio 1968, que promoveu a ampla liberdade de fala entre os cidadãos acerca de todos os aspectos da vida democrática²³. Também se caracteriza como um movimento de solidariedade, com organização de várias ações sociais, como a ajuda ao número crescente de “sem tetos”²⁴. Atualmente, o apoio da opinião pública, mesmo que tenha diminuído de 80% para 45 %, ainda é muito forte (sobre tudo no contexto atual das greves contra a reforma da previdência), e isso é muito significativo.

2. O que significa a raiva dos coletes amarelos?

Houve várias tentativas de interpretação dessa agitação social, na França²⁵ ou fora, em particular no Brasil²⁶.

Pode-se considerar sucessivamente diversas explicações possíveis, da mais evidente e superficial até à mais enigmática e profunda.

(a) Será que o movimento consiste numa denúncia do preço da vida? Essa explicação foi bastante retomada pela mídia dominante, justamente para tentar mostrar que o governo estava preocupado com o assunto e tentava responder à crise com uma política de libertação do poder aquisitivo. Mas se essas reivindicações formam o que causou o início do movimento, não é o que permite caracterizá-lo na sua continuidade. Foi o que o filósofo Alain Badiou, no artigo que ele escreveu sobre os coletes amarelos meses após o desencadear do movimento²⁷, obviamente não entendeu: decepcionado por perceber reivindicações sobre o custo da vida, que ele achou muito “pequeno burguês”. Faltava para ele um desejo revolucionário verdadeiro, anticapitalista e com uma bandeira mais vermelha do que azul, branca e vermelha.

(b) Seria então esse movimento uma crítica do governo de Edouard Philippe ou da política do presidente Macron? É verdade que os coletes amarelos pe-

²³Michel de Certeau, *La prise de parole et autres écrits politiques*, Paris, Seuil, 1994.

²⁴Brice le Gall, « Des engagés du quotidien », Beauvais, 6 juin 2019, <<https://bit.ly/2sPiU4J>>. A reivindicação « Zero sem teto » sempre fez parte dos objetivos explícitos, desde o início do movimento.

²⁵Cf. o livro coletivo *Le fond de l'air est jaune*, Paris, Seuil, 2019 ; para uma documentação fotográfica, cf. também Brice Le Gall, Lou Traverse, Thibault Cizeau, *Justice et Respect. Le soulèvement des gilets jaunes*, Paris, Syllepse, 2019. O advogado François Boulo apresentou o movimento enquanto seu porta-voz, em *La ligne jaune*, Paris, Indigènes édition, 2019.

²⁶Jeremy Harding, « Os manifestantes estão em pânico. O que querem os coletes amarelos ? », Piauí, n° 151, abril 2019.

²⁷Alain Badiou, “Leçons du mouvement des gilets jaunes”, *L'autre quotidien*, 13 Março 2019, <<https://www.lautrequotidien.fr/articles/2019/3/13/alain-badiou-leons-du-mouvement-des-gilets-jaunes->>; cf também a conversa dele com Aude Lancelin (e outros), 7 Outubro 2019, <<https://bit.ly/2Fepvsz>>

dem a demissão do Ministro do Interior (Castaner), responsável pela repressão, criticam Edouard Philippe pela sua política econômica que empobrece grande parte da população, e pedem a demissão de Emmanuel Macron –tema de uma canção que virou o hino da revolta²⁸. Mas eles se dão conta também que Macron está continuando a política que antes era aquela de Hollande e de Sarkozy (dois presidentes que foram tão impopulares que não conseguiram ser reeleitos), então a crítica não é só dele: é mais profunda.

(c) Seria então uma crítica às desigualdades crescentes na sociedade francesa? É verdade que esse assunto é importante, sobretudo porque a igualdade é um dos princípios da nossa constituição (está escrita em todos nossos edifícios públicos: “Liberte, égalité, fraternité”) e a sociedade francesa é tradicionalmente bastante igualitária – é só lembrar que o partido comunista Francês fez até 40 % de votos, a um certo momento (depois da segunda guerra mundial). Ora desde os anos 1990, e em particular a partir da crise de 2008, as desigualdades cresceram muito, como no resto dos países ocidentais (USA, Alemanha, Inglaterra, etc.) – basicamente a orientação financeira da economia favoreceu quem tinha capital financeiro em detrimento de quem dependia de um emprego e de um salário. E deve ser

sublinhado que os coletes amarelos reclamam muito da injustiça experimentada pelos que empobrecem, enquanto outros (os ricos proprietários de multinacionais francesas, do luxo, da construção civil, dos bancos) se aproveitam de um enriquecimento irracional. Porém, as reivindicações deles vão muito mais além desse ponto, por importante que seja.

(d) De que se trata então? Pode-se defender a ideia que se trata de um momento constituinte, um esforço de recuperação do poder de definir o pacto social, na raiz da sociedade. A crise é tão forte que se trata, então, de voltar para o fundamental: afinal, por que vivemos juntos? Foi muito impressionante ver os coletes amarelos, que não são intelectuais, começar a citar a constituição francesa, fazer filosofia sobre os conceitos “liberdade, igualdade, fraternidade”, e até fazer sugestões para a redefinição da vida democrática na França, às vezes a partir do programa do Conselho Nacional da Resistência que inventou a França contemporânea durante a barbárie nazista da segunda guerra mundial. Existem vários sintomas dessa preocupação pela “constituição” da sociedade: o pedido pelo Referendo de Iniciativa Popular (o RIC), a insistência sobre o caráter constitucional dos serviços públicos, e até a organização de um grupo de “Coletes

²⁸ « Emmanuel Macron, grosse tête de con, on vient te chercher chez toi ! »

²⁹ <<https://www.facebook.com/giletsjaunesconstituantspagedesecours/>>

amarelos constituintes”²⁹. Tudo isso aconteceu durante muitas discussões que aprofundaram ainda mais a conscientização política do movimento. Até foi organizada uma Assembleia das Assembleias dos *Gilets Jaunes* (em *Commercy*)³⁰, que tinha um pouco a ver com os Estados Gerais de 1789 (*les Etats Généraux*), no sentido que a Revolução francesa começou com o fato de juntar reclamações e com o Terceiro Estado (os pobres) se constituir como corpo de representantes da nação.

Foi assim que nasceu um fenômeno muito interessante. Várias pessoas começaram a fazer análise política aprofundada da situação, e a se dar conta que, há 15 anos, qualquer que seja o voto para deputados, governo e presidência, a política escolhida é sempre a mesma: seja durante o mandato de Sarkozy (de direita), de Hollande (de esquerda) ou de Macron (do centro). O que permite pensar que há algo errado na democracia francesa. Como se a alternância de poder não tivesse importância, porque acontece dentro de um certo quadro permanente. De modo que, precisamente, o importante seria agora contestar este quadro – daí o título escolhido para o artigo: os coletes amarelos não são a favor, nem contra (a direita ou a esquerda), bem ao contrário; eles são contra o quadro dentro do

qual acontece essa pseudo alternativa.

Alguns coletes amarelos começaram a se dar conta de que a quase totalidade das leis atuais dependem das normas da União europeia – são simplesmente uma transposição delas no direito nacional³¹. E que talvez, então, a origem do problema seja a existência mesma da União europeia. Em vez de acusar o governo Macron, ter-se-ia que acusar a União europeia³². Não para imaginar uma outra União europeia, mas para sair dela! Por implícita e às vezes confusa que seja, essa é a ideia que ganhou bastante força nas discussões dos coletes amarelos, muito mais que o pedido da destituição de Macron.

A ideia de sair da União Europeia pode surpreender, sobretudo no Brasil, onde a população tem uma imagem um pouco ideal dessa instituição – lá é o mundo desenvolvido, a riqueza, a democracia, a paz... Como seria possível que a França, um país fundador da União, possa querer sair? Porém, ela faz totalmente sentido, por várias razões. Primeiro, os coletes amarelos sabem, por tê-lo experimentado, que o euro, até antes da crise econômica de 2008, não é uma moeda que trouxe a prosperidade; provocou ao contrário um aumento do custo da vida, uma anemia da economia e ultimamente uma austeridade sem fim (compressão budgetária, desem-

³⁰ <<https://reporterre.net/Pres-de-Commercy-l-assemblee-des-Gilets-jaunes-refonde-la-democratie>>

³¹ <<https://ruptures-presse.fr/opinions/gilets-jaunes-martin-cgt-paris/>>

³² « L'Union Européenne : Un problème de souveraineté. Conférence pour les gilets jaunes du Grand Est », conferência do 10/7/2019, <<https://bit.ly/2Ys5N5d>>

prego, etc.). Segundo, os coletes amarelos sabem, também por experiência, que a União europeia não apenas sofre de um déficit democrático, como dizem pudicamente os elogiadores dela, mas que ela é uma estrutura de dominação que esconde o seu aspecto antidemocrático embaixo de um paternalismo cínico; pois ela não respeita os votos contrários a ela – há vários exemplos dela forçando os povos a votarem novamente em caso de resultado de referendos contrário ao desejado (França e Holanda em 2005³³, Irlanda em 2008³⁴, Grécia em 2011³⁵, Brexit agora³⁶). Terceiro, os coletes amarelos que sofrem da imigração massiva recente fazem o laço entre a chegada de imigrantes da África e a destruição da Líbia, a chegada de sírios, e o jogo perverso da França e das potências ocidentais no Meio Oriente. Começam então a estabelecer um laço entre a política externa neocolonial da França e da União europeia, que é sub-

metida *por lei* àquela da OTAN³⁷, e as consequências demográficas que experimentam: concorrência desleal organizada pelo grande capital que precisa de mão de obra barata (como foi explicitamente dito pelos patrões na Alemanha, por exemplo³⁸).

Essa tripla rejeição da União europeia (a moeda, a política econômica, a política exterior) se juntam numa reivindicação nacional, que foi por vezes confundida com uma histeria nacionalista³⁹. Mas nem todos os coletes amarelos votam em Marine Le Pen; aliás, o partido do Rassemblement National não quer sair do euro, da União europeia⁴⁰, nem da OTAN⁴¹. A maior parte deles não são fanáticos do absolutismo nacional, mesmo que tenham muitas bandeiras francesas nas manifestações. Não são apenas patriotas que querem defender o território ancestral. São simplesmente pessoas que reclamam a *democracia*, cujo lugar natural desde a

³³O referendo sobre o projeto de constituição europeia fracassou (<<https://bit.ly/2FiFqpD>>); o equivalente legal foi porém adotado na forma do tratado de Lisboa em 2007, votado pelo Parlamento do novo governo de Sarkozy. Quase o mesmo aconteceu na Holanda: <<https://bit.ly/2QmyUEB>>.

³⁴O referendo constitucional irlandês de 2008 fracassou mas foi votado novamente em 2009, dessa vez com sucesso: <<https://bit.ly/39GqNdZ>>.

³⁵Diante das pressões europeias para aceitar medidas de austeridade econômicas, a Grécia propôs de organizar um referendo, que finalmente foi cancelado pelo primeiro ministro George Papandreou, que aceitou finalmente as condições europeias sem condição.

³⁶O voto a favor do Brexit aconteceu no dia 23 de Junho 2016, isto é: há mais de três anos.

³⁷O artigo 42 do Tratado da União Europeia precisa que a defesa europeia depende da OTAN.

³⁸Cf., por exemplo, os artigos: « En Allemagne, le patronat prend position dans le débat sur l'immigration », *Le Monde*, 23 dezembro 2014; e « L'afflux de migrants profite aux patrons allemands », *Le Temps*, 2 setembro 2015.

³⁹Não se pode confundir, então, essa crítica à União Europeia com uma condenação do liberalismo político, como acredita Bernard Bruneteau, em *Combattre l'Europe. De Lénine à Marine Le Pen*, Paris, CNRS Éditions, 2019 – cf Agnès Louis, « Les anti-européens », *La vie des idées*, 21/10/2019, <<https://laviedesidees.fr/Bernard-Bruneteau-Combattre-Europe-Lenine-Le-Pen.html>>

⁴⁰Cf. por exemplo o artigo do Télégramme de Brest, do 14 de Abril 2019, “Marine Le Pen ne veut plus sortir de l'Europe, ni de l'euro”, <<https://www.letelegramme.fr/elections-europeennes/politique-marine-le-pen-ne-veut-plus-sortir-ni-de-l-europe-ni-de-l-euro-14-04-2019-12258877.php>>

⁴¹A posição do Rassemblement Nacional sobre a OTAN é variável; pode-se porém notar que a herdeira da dinastia Le Pen é bem vinda nos Estados Unidos: « Etats-Unis: Marion Maréchal Le Pen prendra la parole ce jeudi à Washington », 20/02/2018, <<https://bit.ly/2ZLniOL>>

época moderna se encontra no quadro nacional⁴². Por outras palavras, a saída da “cadeia dos povos” que é a União europeia, e a recuperação da democracia integral, na qual se debate sobre tudo e se decide acerca de tudo, só pode acontecer dentro de um quadro nacional. É desse ponto de vista que os partidos políticos tradicionais são transbordados pois todos, com uma exceção,⁴³ apoiam a União Europeia, mesmo querendo mudá-la – o que é impossível, por causa da regra da unanimidade⁴⁴.

O que está em jogo, então, fundamentalmente, no movimento dos coletes amarelos, é a soberania: não apenas a soberania nacional, no sentido da independência da França em relação ao resto do mundo, e em particular de uma União Europeia sob dominação alemã, submetida a um neoliberalismo anglo-americano; mas a *soberania popular*, pois a soberania da nação vem do povo⁴⁵. Isto é, se trata de um movimento democrático, que se inspira do artigo 2 da Constituição francesa atual: o governo do povo, pelo povo, para o povo. Então é um movimento *popular* – e não um movimento populista, no sentido que o povo quer recuperar o seu poder de decidir o seu destino. Alguns

poderiam objetar que isso é uma regressão, pois a União Europeia quis precisamente superar o quadro nacional com um projeto de associação pós-nacional ou supranacional. Mas não é por acaso que os manifestantes voltam para o fundamento nacional: não é por nostalgia, fetichismo ou absolutização do quadro nacional, mas por defesa da democracia. Os bons resultados eleitorais de Le Pen, que são uma realidade, escondem a realidade da situação, que é aquela de um grande movimento de libertação: não é libertação nacional, mas sim uma libertação democrática, que vai utilizar um meio nacional, pois é o mais prático e tradicional⁴⁶.

Conclusão: os coletes amarelos e a situação recolonial

É preciso enfrentar uma objeção. Foi mencionado um movimento que não era de direita, porém o partido do *Rassemblement National* de Marine Le Pen ganhou as eleições europeias (de maio 2019) e ele é de extrema direita: como explicar então tal justificativa? É verdade que as categorias populares, inclusive coletes amarelos, votaram a favor

⁴²Jérôme Sainte-Marie, « Gilets jaunes : une révolte populaire et tricolore », Ruptures, 20/11/2019, <<https://ruptures-presse.fr/opinions/gilets-jaunes-populaire-sainte-marie/>>

⁴³L'Union populaire républicaine (<<https://upr.fr/>>)

⁴⁴Qualquer modificação dos tratados atuais apenas pode acontecer por voto unânime dos países membros, segundo o artigo 48 do TUE (Tratado da União Europeia).

⁴⁵Thomas Branthôme, « Le « moment » Gilets Jaunes (I) : ce qu'ils ont su dire », 15/11/2019, <<https://bit.ly/2DSNoFk>>

⁴⁶É também a opinião de Wolfgang Streeck, « Four Reasons the European Left Lost », Jacobin, 30/5/2019, <<https://bit.ly/2KtZk5L>>

da extrema direita. Mas foi o próprio Macron que transformou essas eleições num enfrentamento a favor ou contra ele: qual é a maneira mais óbvia de se opor a ele do que votar para o partido que todas as pesquisas indicam como a principal força de oposição? Além disso, poucas pessoas votaram: teve muito mais abstenção do que votos a favor de Macron ou de Le Pen. Por fim, teve coletes amarelos que votaram para a extrema esquerda. Então o voto dos coletes amarelos para a extrema direita não é essencial ou estrutural⁴⁷, mas sim conjuntural.

Portanto, o mais importante é que o movimento dos coletes amarelos não teve uma tradução eleitoral exaustiva pois muitos deles criticam o quadro mesmo dessas eleições, que apenas reproduzem a política já estabelecida. Mais profundamente, o que aparece no voto de vários coletes amarelos é que a França perdeu a sua soberania em detrimento da União Europeia, que decide:

1. fragmentar os direitos trabalhistas, precarizar, terceirizar, abrir para a concorrência frenética, destruindo os serviços públicos em nome da “justa competição”
2. explorar os recursos locais: obri-

gar a venda de bens naturais, das empresas públicas; exploração dos consumidores pelas empresas multinacionais que não pagam impostos

3. praticar uma forma de racismo implícita, no sentido de que essa união ocorre entre povos brancos e cristão, seguindo uma norma anglosaxã, em vez de desenvolver os laços com países cuja população já faz parte do cenário francês, como é o caso, por exemplo de países da África do Norte (há muitos afrodescendentes na França e o árabe é a segunda língua falada no país)
4. integrar a economia a um conjunto econômico maior: a economia francesa se torna cada vez mais “satelitizada” pela economia alemã⁴⁸, que ganha muito pelo nível artificial do euro (valor subestimado em relação a força real da economia alemã).

A França perdeu a sua soberania legislativa (90% das leis são europeias), executiva (Macron é apenas o governador da região França e não o presidente de uma nação livre), judiciária (existe uma supremacia da jurisdição da Corte

⁴⁷Alain Badiou considera ao contrário que esse voto se explica por razões estruturais, mesmo que profundamente escondidas: o “racismo” dos intelectuais desde 1983, e o ódio contra os jovens dos subúrbios, fantasiado na forma do “anti-islamismo”: <https://www.lemonde.fr/election-presidentielle-2012/article/2012/05/05/le-racisme-des-intellectuels-par-alain-badiou_1696292_1471069.html>

⁴⁸Wolfgang Streeck, « Un empire européen en voie d'éclatement », *Le Monde Diplomatique*, mai 2019, <<https://www.monde-diplomatique.fr/2019/05/STREECK/59873>>. O autor designa a UE como uma sorte de Império neoliberal, do qual a Alemanha é o centro discreto.

européia de Justiça⁴⁹), midiática (transformação do espaço público pelo controle das notícias, e até a censura⁵⁰). Daí a impressão dos coletes amarelos que, seja de direita, seja de esquerda, qualquer governo vai aplicar a mesma política. Essa impotência se acompanha de um sentimento difuso, mas insistente, cada vez mais presente, de declínio, e de um ambiente de depressão⁵¹. A França perde os atributos da sua potência: na economia (agricultura fracassada, desindustrialização), militar (orçamento baixo), científico (destruição do ensino superior e de sua pesquisa por políticas de austeridade orçamentária⁵²), e até cultural (desde a época gloriosa dos anos 60).

Daí, o sentimento de crise política aguda que expressa o movimento dos coletes amarelos. Crise da representação política por causa da impressão que as elites são isoladas, separadas do povo, não tem empatia nem se preocupam com o povo. Crise “presentista” no

sentido de uma incapacidade de imaginar o nosso futuro⁵³, e até de uma saudade patológica do passado, que é um signo de desorientação. Crise social pois o corpo social está se fragmentando; há uma dissolução dos laços, por causa do neoliberalismo⁵⁴, da uberização, do multiculturalismo, do enfraquecimento dos serviços públicos, da pressão migratória, etc.

Será que a solução consiste numa *volta ao nacionalismo*⁵⁵? Depende do que quer dizer nacionalismo. Como o sublinhou ainda recentemente Bertrand Badie⁵⁶, esse termo é sinônimo de *emancipação*: das feudalidades (no caso da construção do Estado nação, tipicamente na França), do colonialismo (para os países dominados pelos impérios ocidentais) e do comunismo (mais recentemente, na Europa do leste). No caso dos coletes amarelos, o recurso à nação é sinônimo de emancipação de uma dominação abusiva, cuja *natureza*, porém, é difícil definir. De fato, uma

⁴⁹« Un peuple qui souhaite recouvrer sa souveraineté doit procéder à une rupture franche avec l’UE » – Entretien avec Coralie Delaume et David Cayla, *Le vent se lève*, 10 de Maio 2019, em relação ao livro dos autores (10+1 questions sur l’Union européenne, Paris, Michalon, 2019), <<https://bit.ly/2WOaLYE>>

⁵⁰Cf. a lei contra as manifestações digitais de ódio, « Haine en ligne : l’assemblée adopte la loi Avia », 09 Julho 2019, <<https://bit.ly/2ZMXJg6>>; « La France de Macron est “l’une des plus grandes menaces mondiales pour la liberté d’expression” », Sputniknews, 08/07/2019; « La Commission européenne a convaincu Google, Facebook et Twitter de censurer Sputnik », Sputniknews, artigo do 14 Junho 2019, <<https://bit.ly/2wRDn7U>>.

⁵¹Cf. os romances de Michel Houellebecq, ou o sucesso de Virginie Despentes, Vernon Subutex (Paris, Grasset, 2015-2017).

⁵²« Le CNRS fête-t-il ses 100 ans? », declaração coletiva de pesquisadores, *Le Monde*, 19 juin 2019, <<https://bit.ly/2IXeq0b>>. Para o caso particular das universidades, dentro do Ensino Superior, cf o site: « Sauvons l’Université », <<http://www.sauvonsluniversite.com/>>

⁵³François Hartog, *Régimes d’historicité. Présentisme et expérience du temps*, Paris, Seuil 2003.

⁵⁴Coralie Deleume, « Derrière la polémique sur le voile, l’assimilation française heurtée par le néolibéralisme », *Marianne*, 5/11/2019, <<https://bit.ly/2OU9Rbq>>

⁵⁵“Depois da União Europeia: reflexão sobre uma forma inédita de dominação política”, *Philosophos*, v. 23, n° 2 (2018), <<https://www.revistas.ufg.br/philosophos/article/view/51983>>

⁵⁶Bertrand Badie: « Les nationalistes peuvent-ils travailler ensemble », *Du grain à moudre*, 27/5/2019, <<https://www.franceculture.fr/emissions/du-grain-a-moudre/du-grain-a-moudre-emission-du-lundi-27-mai-2019>>

vez estabelecido o caráter não- (e até anti-)democrático da União Europeia, sobra dizer em que sentido essa oposição à democracia ocorre.

Seria a UE uma ditadura? *Stricto sensu*, uma ditadura, no sentido antigo (romano) é uma decisão legal de colocar uma pessoa provisoriamente acima das leis: ela é então uma situação plenipotenciária provisória e limitada a um certo quadro (certos objetivos). Ela difere por essa razão da tirania⁵⁷, que corresponde ao *arbitrário do poder* – ainda que alguns ditadores tenham estado na beira da tirania⁵⁸, como o imperador romano Sula que, por essa razão, alguns comparam a Emmanuel Macron⁵⁹. É apenas por derivação que esse termo foi utilizado para falar de formas de poder sem limite, como nos casos da dominação fascista (Hitler representado por Chaplin como “O grande ditador”), ou comunista (Staline na sua paranoia criminosa). Obviamente, esses exemplos não correspondem à realidade atual na Europa (não há campos de exterminação, nem gulag, nem soldados estrangeiros ocupando as ruas). Outro indício que o termo não é adequado: o próprio líder da esquerda radical (France In-

soumise), Jean-Luc Mélenchon, preferiu falar de “ditamole” (“dictamolle”), uma palavra mista, que junta ditadura e o aspecto “mole” de um poder que constrange pelas normas burocráticas e legais.

É preferível falar de uma situação *re-colonial*, que pode parecer um pouco estranha, e até chocante, mas que se pode explicar. Imediatamente, aparece uma objeção: tratar-se-ia de vitimismo, eu lamentando o destino Francês enquanto que a França não teria feito as devidas reparações em relação ao seu passado colonial, nem mesmo mudado a sua política com o seu ex-império, que permanece neocolonial. Não é o caso de negar que a França tem uma atitude neo-colonial em relação a vários países de seu ex-império colonial. Há vários exemplos disso (guerra na Líbia, a união monetária da África do oeste, etc.). Mas a França foi também um país colonizado, como o sublinhou a filósofa Simone Weil nos seus textos sobre o colonialismo⁶⁰: pela Alemanha. Sob dominação nazista, também tinha perdido todos os atributos da soberania (executiva, legislativa, judiciária, midiática), experimentou trabalho forçado, explo-

⁵⁷O refrão do hino nacional Francês, a Marseillaise, se opõe frontalmente à tirania : « Contre nous de la tyrannie / L'étendard sanglant est levé ».

⁵⁸Foi o caso de Sula, como aponta Claude Moatti em *Res Publica. Histoire romaine de la chose publique*, Paris, Fayard, 2018. Cf. a resenha de Jacques Sapir, « Souveraineté et chose publique : de l'histoire romaine à notre propre histoire », *Russeurope-en-exil*, 1/089/2018, <<https://www.les-crisis.fr/russeurope-en-exil-souverainete-et-chose-publique-de-lhistoire-romaine-a-notre-propre-histoire-par-jacques-sapir/>>

⁵⁹Jacques Sapir, « De quoi Macron est-il le nom ? », *Russeurope-en-exil*, 2 Agosto 2018, <https://www.les-crisis.fr/russeurope-en-exil-de-quoi-macron-est-il-le-nom-jacques-sapir/#_ftnref22>. Macron confiscaria a soberania popular em nome da soberania « europeia », do mesmo jeito que Sylla tinha privilegiado o Senado como fonte (exclusiva) da soberania, em detrimento do povo.

⁶⁰Simone Weil, *Contre le colonialisme*, Paris, Rivages, 2018. Uma tradução em português será publicada em breve na Revista de Filosofia Moderna e contemporânea.

ração dos recursos locais, racismo, integração à economia do Reich. Perdeu a sua identidade e seu destino. É verdade que essa aventura durou cinco anos e não quinhentos, como foi o caso da colonização europeia alhures, nem mil, como sonhava o terceiro Reich. Ora, a situação atual da França, desse ponto de vista, é comparável com aquela da segunda guerra mundial – daí o termo de *re-colonial* que utilizo e para o qual espero, ao final desse texto, ter encontrado sua justificativa.

A nação pode ter um poder emancipatório, inclusive do ponto de vista econômico, ao contrário do que dizem autores como Piketty, que negligenciam esse aspecto⁶¹. Será que isso não é sinônimo de isolamento, autarcia ou até comportamento agressivo em relação aos outros? Será que é compatível com o internacionalismo? Jean Jaurès já dizia que: “um pouco de internacionalismo nos afasta da nação; muito internacionalismo nos leva de novo para a nação”⁶².

Agora, esse enfraquecimento da França enquanto Estado-nação não é uma perda para todo mundo. Tem

gente que ganha nisso. A Alemanha⁶³, que perdeu a segunda guerra mundial, agora reclama a cadeira francesa no Conselho Permanente de Segurança da ONU, sob pretexto de uma cadeira “europeia”⁶⁴; pede para a França compartilhar a sua força de dissuasão nuclear⁶⁵. As elites francesas que desprezam o seu próprio país (Macron, por exemplo, insulta constantemente os franceses quando viaja ao exterior), valorizam o sucesso pessoal ou aquele de outra potência (o modelo alemão, a fascinação pelos USA). O que leva a pensar que esse enfraquecimento global poderia ser uma impotência organizada por uma potência exterior: são os USA que tem interesse na União europeia, para dominar melhor o outro quintal (além da América Latina) – prova disso é que a defesa da União Europeia é ligada pelos tratados à OTAN, e que Obama tentou evitar uma explosão do euro depois da crise de 2008⁶⁶ e se opôs a ideia do referendun sobre o Brexit⁶⁷.

É nesse ponto que o movimento dos coletes amarelos toca a geopolítica, mesmo que seja de maneira muito indireta. Pode ser um pouco arrogante pos-

⁶¹Christophe Ramaux, « Les travailleurs n'ont pas de patrie selon Piketty... Vraiment? », Libération, 25 novembro 2019, <<https://bit.ly/2rmsxYd>>

⁶²Jean Jaurès, L'armée nouvelle, 1911 : “un peu d'internationalisme éloigne de la patrie; beaucoup d'internationalisme y ramène”.

⁶³Sobre a dimensão « imperial » da dominação alemã na Europa, cf Lenny Barbara, « L'Empire allemand vacille mais ne tombe pas », Le Vent se Lève, 13/10/2019, <<https://lvsl.fr/lempire-allemand-vacille-mais-ne-tombe-pas/>>

⁶⁴Pascale Hugues, « ONU : l'Allemagne veut que la France cède son siège au Conseil de sécurité », Le Point, 30/11/2018.

⁶⁵Vincent Jauvert, « La France va-t-elle partager sa bombe atomique avec l'Allemagne ? », Le Nouvel Observateur, 10 setembro 2018.

⁶⁶Cf. Phillip Inman, “Europe finally listening to Geithner”, 16 outubro 2011, <<https://www.theguardian.com/business/2011/oct/16/europe-finally-listening-to-geithner>>

⁶⁷ Sabrina Siddiqui, « Obama to offer his friendly opposition to Brexit during visit to UK », <<https://www.theguardian.com/politics/2016/apr/14/barack-obama-brexit-eu-referendum-uk-visit>>

tular que a macro-política seja prevalente sobre a micro-política mas, nesse caso, é válido lembrar alguns dados fundamentais que podem explicar certos aspectos da situação. Vivemos atualmente dois eventos profundos: o início do fim do império norte-americano sobre o mundo, que foi em particular a doutrina Wolfowitz desde 1990 e o projeto de “Novo século americano”, cujo objetivo era de não ter mais nenhum rival – fracassou com a aparição dos Brics. E também o início do fim da dominação ocidental sobre o resto do mundo, com uma transição do poder para a Ásia, e em particular a China. Aliada com a Rússia, a China constitui, sim, um rival real da potência estadunidense.

Para concluir, o movimento dos cole-

tes amarelos significa uma libertação de uma dominação velada, de poder discretamente abusivo, quase inconsciente. Com a saída da União Europeia, os manifestantes orientam a história para o equivalente da caída do muro de Berlim para o campo soviético: a queda da dominação norte-americana que cobra a Europa ocidental desde a guerra fria. Com essa queda, se quebra também o império norte-americano, enquanto projeto neo-conservador de hegemonia mundial exclusiva, e acabam também quinhentos anos de dominação ocidental sobre o mundo. Mesmo que seja de maneira muito indireta, então, o movimento dos coletes amarelos certamente terá implicações fortes na América Latina.

Referências

- ANQUETIL, Giv; CHAO, Antoine; PERRY, Charlotte. “Les gilets jaunes face à une justice d’exception”. *France Inter*. 15 Junho 2019. Disponível em <<https://bit.ly/2wTRbyE>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- BADIE, Bertrand. “Les nationalistes peuvent-ils travailler ensemble”. *Du grain à moudre*. 27 mai 2019. Disponível em: <<https://www.franceculture.fr/emissions/du-grain-a-moudre/du-grain-a-moudre-emission-du-lundi-27-mai-2019>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- BADIOU, Alain. “Le racisme des intellectuels”. *Le Monde*. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/election-presidentielle-2012/article/2012/05/05/le-racisme-des-intellectuels-par-alain-badiou_1696292_1471069.html>. Acesso em: 20 mar 2020.
- BADIOU, Alain. “Leçons du mouvement des gilets jaunes”. *L’autre quotidien*. 13 mar 2019. Disponível em <<https://www.lautrequotidien.fr/articles/2019/3/13/alain-badiou-lecons-du-mouvement-des-gilets-jaunes->>. Acesso em: 20 mar 2020.
- BARBARA, Lenny. “L’Empire allemand vacille mais ne tombe pas”. *Le Vent se Lève*. 13 out 2019, Disponível em: <<https://lvsl.fr/lempire-allemand-vacille-mais-ne-tombe-pas/>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- BOULO, François. *La ligne jaune*. Paris: Indigènes édition, 2019.
- BRANTHOMME, Thomas. “Le ‘moment’ Gilets Jaunes (I): ce qu’ils ont su dire”. *#Positions*. 15 nov 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2DSNoFk>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- BRUNETEAU, Bernard. *Combattre l’Europe. De Lénine à Marine Le Pen*. Paris: CNRS Éditions, 2019.
- BUZZANCA, Fabien. “Cet été, avec les Gilets jaunes, le ‘Vrai débat’ à l’assaut de vos boîtes aux lettres”. *Sputniknews*. 17 jul 2019. Disponível em <<https://bit.ly/34XUI3F>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- CERTEAU, Michel de. *La prise de parole et autres écrits politiques*. Paris: Seuil, 1994.

- Christophe Castaner a décoré des policiers soupçonnés de violences contre des 'gilets jaunes'. *France Info*. 19 jul 2019. Disponível em <<https://bit.ly/2RpOlNp>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- COLLECTIF. *Le fond de l'air est jaune*. Paris: Seuil, 2019.
- CONSTITUANTS, Gilets Jaunes. 6 mar 2019. Facebook: [giletsjaunesconstituantspagedesecours](https://www.facebook.com/giletsjaunesconstituantspagedesecours). Disponível em: <<https://www.facebook.com/giletsjaunesconstituantspagedesecours/>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- DE BENOIST, Alain. *Droite-gauche, c'est fini! Le moment populiste*. Paris: PGDR Editions, 2017.
- DEDIEU, Franck. "Service Public: chronologie d'une démolition". *Marianne*. 21 jun 2019. Disponível em <<https://bit.ly/2xfWQ2f>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- DELAUME, Coralie; CAYLA, David. *10+1 questions sur l'Union européenne*. Paris: Michalon, 2019.
- DELEAUME, Coralie. "Derrière la polémique sur le voile, l'assimilation française heurtée par le néolibéralisme". *Marianne*. 5 nov 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2OU9Rbq>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- DENEAULT, Alain. *Politiques de l'extrême-centre*. Montréal: Lux, 2016.
- DESPENTES, Virginie. *Vernon Subutex*. Paris: Grasset, 2015-2017.
- DUFRESNE, David. "Allo Place Beauvau: Le Récapitweete". David Dufresne. 28 fev 2019. Disponível em: <<http://www.davduf.net/alloplacebeauvau>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- En Allemagne, le patronat prend position dans le débat sur l'immigration. *Le Monde*. 23 dez 2014. Disponível em <https://www.lemonde.fr/europe/article/2014/12/23/le-patronat-allemand-appelle-a-accueillir-plus-de-refugiés_4545460_3214.html>. Acesso em: 20 mar 2020.
- Eric Drouet lance un appel général aux gilets jaunes. *Sputniknews*. 20 jun 2019. Disponível em <<https://fr.sputniknews.com/france/201906201041480138-eric-drouet-lance-un-appel-general-aux-gilets-jaunes-video/>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- Etats-Unis: Marion Maréchal Le Pen prendra la parole ce jeudi à Washington. *20 Minutes*. 20 fev 2018. Disponível em <<https://bit.ly/2ZLniOL>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- GALL, Brice le. "Des engagés du quotidien". *Beauvais*. 6 jun 2019. Disponível em <<https://bit.ly/2sPiU4J>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- GALL, Brice Le; TRAVERSE, Lou; CIZEAU, Thibault. *Justice et Respect: Le soulèvement des gilets jaunes*. Paris: Syllepse, 2019.
- Gilets Jaunes, une répression pénale sans précédent, avec plus de 3000 condamnations. *Sputniknews*. 11 ago 2019. Disponível em: <<https://fr.sputniknews.com/france/201911081042394370-gilets-jaunes-une-reponse-penale-sans-precedent-avec-plus-de-3000-condamnations/>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- Haine en ligne: l'assemblée adopte la loi Avia. *Le Point*. 09 jul 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZMXJg6>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- HARDING, Jeremy. "Os manifestantes estão em pânico. O que querem os coletes amarelos?". *Piauí*, nº151, abril 2019.
- HARTOG, François. *Régimes d'historicité: Présentisme et expérience du temps*. Paris: Seuil, 2003.
- HENNEQUIN, Pascal ; KEMPF, Hervé. "Près de Commercy, l'assemblée des Gilets jaunes refonde la démocratie". *Reporterre*. 28 jan 2019. Disponível em: <<https://reporterre.net/Pres-de-Commercy-l-assemblee-des-Gilets-jaunes-refonde-la-democratie>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- HUGUES, Pascale. "ONU: l'Allemagne veut que la France cède son siège au Conseil de sécurité". *Le Point*. 30 nov 2018. Disponível em: <https://www.lepoint.fr/europe/ONU-l-allemande-veut-que-la-france-cede-son-siege-au-conseil-de-securite-30-11-2018-2275513_2626.php>. Acesso em: 20 mar 2020.
- INMAN, Phillip. "Europe finally listening to Geithner". *The Guardian*. 16 out 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/business/2011/oct/16/europe-finally-listening-to-geithner>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- JAUVERT, Vincent. "La France va-t-elle partager sa bombe atomique avec l'Allemagne?". *Le Nouvel Observateur*. 10 set 2018. Disponível em: <<https://www.nouvelobs.com/monde/20180910.OBS2107/la-france-va-t-elle-partager-sa-bombe-atomique-avec-l-allemande.html>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- KEMPF, Hervé. "L'honneur du boxeur contre Macron le voyou". *Reporterre*. 1 mai 2019. Disponível em <https://reporterre.net/L-honneur-du-boxeur-contre-Macron-le-voyou?fbclid=IwAR1MiNb28QF-IU_3i3NI8gRm7YwEoPBfXnMBGFMuvTgE4j5v8q7P_1uvjAA>. Acesso em: 20 mar 2020.
- L'afflux de migrants profite aux patrons allemands. *Le Temps*. 2 set 2015. Disponível em <<https://www.letemps.ch/monde/lafflux-migrants-profite-aux-patrons-allemands>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- L'UNION POPULAIRE RÉPUBLICAINE. [Site institucional]. Disponível em: <<https://upr.fr>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- La Commission européenne a vaincu Google, Facebook et Twitter de censurer Sputnik. *Sputniknews*. 14 jun 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2wRDn7U>>. Acesso em: 20 mar 2020.

- La France de Macron est 'l'une des plus grandes menaces mondiales pour la liberté d'expression'. *Sputniknews*. 08 jul 2019. Disponível em: <<https://fr.sputniknews.com/france/201907081041616804-la-france-de-macron-est-lune-des-plus-grandes-menaces-mondiales-pour-la-liberte-dexpression/>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- LACOUR, Philippe Claude Thierry. "Depois da União Europeia: reflexão sobre uma forma inédita de dominação política". *Philosophos*, v. 23, n°2 (2018). Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/philosophos/article/view/519-83>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- Le CNRS fêtera-t-il ses 100 ans? *Le Monde*. 19 jun 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2IXeq0b>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- LE VENT SE LÈVE. Todd, Boulo, Garrido, Cargoët: Après Les Gilets Jaunes. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S66efNDIDj4&feature=youtu.be=4173>>. Acesso em: 20 mar 2020. 1:41:15.
- Les gilets jaunes ne sont pas de simples citoyens qui manifestent, déclare Macron au New Yorker. *France Info*. 26 jun 2019. Disponível em <<https://bit.ly/2IHZofY>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- LOUIS, Agnès. "Les anti-européens". *La vie des idées*. 21 out 2019. Disponível em: <<https://laviedesidees.fr/Bernard-Bruneteau-Combattre-Europe-Lenine-Le-Pen.html>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- L'Union Européenne: Un problème de souveraineté. Conférence pour les gilets jaunes du Grand Est. *Grand Angle*. 10 jul 2019. Disponível em <<https://bit.ly/2Ys5N5d>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- Marine Le Pen ne veut plus sortir de l'Europe, ni de l'euro. Télégramme de Brest. *Le Telegramme*. 14 de abr 2019. Disponível em: <<https://www.letelegramme.fr/elections-europeennes/politique-marine-le-pen-ne-veut-plus-sortir-ni-de-l-euro-pe-ni-de-l-euro-14-04-2019-12258877.php>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- Michelle Bachelet inquiète de la répression des manifestations au Venezuela, au Soudan et en France. *ONU Info*. 6 mar 2019. Disponível em <<https://news.un.org/fr/story/2019/03/1037951>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- MOATTI, Claude. *Res Publica: Histoire romaine de la chose publique*. Paris: Fayard, 2018.
- NUIT Debout. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nuit_debout>. Acesso em: 20 mar 2020.
- PEILLON, Antoine. Cœur de boxeur. *Le vrai combat de Christophe Dettinger*. Éditions Les Liens, 2019.
- Plus de 170 personnes interpellées en marge du défilé du 14-Juillet à Paris. *Le Monde*. 14 jul 2019. Disponível em <<https://bit.ly/2Pqangu>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- Plusieurs figures des 'gilets jaunes' annoncent la création d'un 'socle commun' pour le mouvement. *France Info*. 26 jun 2019. Disponível em <<https://bit.ly/2s56ftX>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- POLONY, Natacha; DEQUAY, Laurence; QUEMENER, Soazig. "Macron, Juppé, Jospin... comment ils ont cassé le service public". *Marianne*. 20 jun 2019. Disponível em <<https://bit.ly/2KHbnfU>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- RAMAUX, Christophe. "Les travailleurs n'ont pas de patrie selon Piketty... Vraiment?". *Libération*. 25 nov 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2rmsxYd>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- RIDOUEANE, Zineb. "Vie et mort de 'Mama Zina', l'octogénaire atteinte par une grenade lacrymogène à Marseille". *Le Monde*. 24 jun 2019. Disponível em <<https://bit.ly/2Ftl7pY>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- ROQUE, Tatiana, "Brésil: une crise en trois actes". *La Vie des idées*. 28 mai 2019. Disponível em <<http://www.laviedesidees.fr/Bresil-une-crise-en-trois-actes.html>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- SAINTE-MARIE, Jérôme. "Gilets jaunes : une révolte populaire et tricolore". *Ruptures*. 20 nov 2019. Disponível em: <<https://ruptures-presse.fr/opinions/gilets-jaunes-populaire-sainte-marie/>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- SAPIR, Jacques. "De quoi Macron est-il le nom?". *Russeurope-en-Exil*. 2 ago 2018. Disponível em: <https://www.les-crisis.fr/russeurope-en-exil-de-quoi-macron-est-il-le-nom-jacques-sapir/f_tnref22>. Acesso em: 20 mar 2020.
- SAPIR, Jacques. "Souveraineté et chose publique: de l'histoire romaine à notre propre histoire". *Russeurope-en-Exil*. 11 out 2018. Disponível em: <<https://www.les-crisis.fr/russeurope-en-exil-souverainete-et-chose-publique-de-lhistoire-romaine-a-notre-propre-histoire-par-jacques-sapir/>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- SAUVONS L'UNIVERSITÉ. [Site institucional]. Disponível em: <<http://www.sauvonsluniversite.com/>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- SIDDIQUI, Sabrina. "Obama to offer his friendly opposition to Brexit during visit to UK". *The Guardian*. 14 mar 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/politics/2016/apr/14/barack-obama-brexit-eu-referendum-uk-visit>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- STREECK, Wolfgang. "Four Reasons the European Left Lost". *Jacobin*. 30 mai 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2KtZk5L>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- STREECK, Wolfgang. "Un empire européen en voie d'éclatement". *Le Monde Diplomatique*. mai 2019. Disponível em: <<https://www.monde-diplomatique.fr/2019/05/STREECK/59873>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- Un an après son lancement, quel avenir pour le mouvement des Gilets jaunes? *Ruptures*. 29 nov 2019. Disponível em: <<https://ruptures-presse.fr/opinions/gilets-jaunes-martin-cgt-paris/>>. Acesso em: 20 mar 2020.
- Un peuple qui souhaite recouvrer sa souveraineté doit procéder à une rupture franche avec l'UE – Entretien avec Coralie Delaume et David Cayla. *Le vent se lève*. 10 mai 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2WOaLYE>>. Acesso em: 20

mar 2020.

WEIL, Simone. *Contre le colonialisme*. Paris: Rivages, 2018.

WEUTH, David. "Le manque d'humilité des intellectuels face au mouvement des gilets jaunes". *Le vent se leve*. 1 mai 2019. Disponível em <<https://bit.ly/2ZPmuID>>. Acesso em: 20 mar 2020.

Recebido: 03/01/2020

Aprovado: 12/05/2020

Publicado: 30/12/2020

